

O caso Muralha: a pimenta do jornalismo esportivo e a construção de um vilão

The Muralha Case: The Pepper of Sports Journalism and the Construction of a Villain

Leda Maria da Costa

Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro/Brasil
Doutora em Literatura Comparada, UERJ
ledamonte@hotmail.com

RESUMO: Nas narrativas jornalísticas sobre futebol, os vilões são personagens que personificam os problemas que se imaginam estar por trás de uma derrota. Por vilões, entendem-se os jogadores que foram considerados culpados por alguma ou várias derrotas. Se o herói percorre uma trajetória ascendente, em que um *status* de superioridade lhe é conferido, o vilão costuma ser lançado numa trajetória de queda que o conduz a um território de acusações. Essa trajetória descendente foi vivida por Barbosa, o goleiro da seleção masculina de 1950, após a derrota para o Uruguai. Em termos clubísticos, o goleiro Muralha, no ano de 2017, passou por processo semelhante. Este trabalho tem como objetivo analisar o processo de construção do vilão Muralha, ex-goleiro do Flamengo, a partir das narrativas do jornal *Extra*.

PALAVRAS-CHAVE: Vilões do futebol; Mídia esportiva; Jornal *Extra*.

ABSTRACT: In journalistic narratives about football, villains are characters who personify the problems that are thought to be behind a defeat. Villains are players who have been found guilty of one or more defeats. If the hero travels an upward trajectory, in which a superior status is conferred upon him, the villain is often thrown into a downward trajectory that leads him into a territory of accusation. This downward trajectory was experienced by Barbosa, the goalkeeper of the 1950 men's team, after the defeat by Uruguay. In club terms, goalkeeper Muralha, in 2017, went through a similar process. This paper aims to analyze the construction process of the villain Muralha, former goalkeeper of Flamengo, from the narratives of the newspaper *Extra*.

KEYWORDS: Villains of Football; Sports Media; *Extra* Newspaper.

INTRODUÇÃO

Após passar cerca de um ano no clube japonês Albirex Niigata, cumprindo uma espécie de exílio, o goleiro Alex Roberto Santana, conhecido como Muralha, voltou ao Brasil para atuar no Coritiba, clube que neste ano de 2019 disputou a série B do Campeonato Brasileiro. Inicialmente, ficou no banco de reservas, mas quando o titular Wilson se lesionou, Muralha passou à titularidade e com bom desempenho tornou-se até mesmo capitão da equipe. No final de 2017, Alex Muralha, então jogador do Flamengo, tinha as atenções midiáticas voltadas para si, devido a possíveis falhas cometidas em importantes jogos do clube carioca. Muralha terminava aquela temporada protagonista de inúmeros memes, alvo de críticas e zombarias que tomavam conta das redes sociais. Porém, foram as narrativas da mídia esportiva tiveram papel importante na construção do vilão Muralha, tendo no jornal *Extra* um veículo fundamental.

Existem muitos heróis no futebol brasileiro, fenômeno amplamente estudado por Ronaldo Helal, que dedicou diversas pesquisas para analisar essa figura no âmbito esportivo midiático (2001; 1998; 1999). Entretanto, faz-se necessário falar sobre sua antítese, o vilão. Seria difícil pensarmos a figura do herói sem uma personagem que lhe impusesse desafios ou, muitas vezes, provocasse-lhe dúvidas quanto ao melhor caminho a seguir. As estradas por onde os vilões se movem têm seu quê de sedução e oferecem tentações a heróis e heroínas que costumam guiar-se por uma vida geralmente ascética, centrada em limites de conduta nem sempre fáceis de serem seguidos. Não seria exagero afirmar que sem vilões, os heróis estariam imersos em um mundo tedioso, do qual eles mesmos seriam seus maiores representantes.

No Brasil, sem vilões e – principalmente sem vilãs –,¹ as telenovelas dificilmente teriam se convertido em um dos mais importantes produtos ficcionais do país. A vilania na teledramaturgia consegue mobilizar as histórias e, conseqüentemente, o público que as acompanha. A natureza proto-interativa

¹ Nas produções da teledramaturgia no Brasil, as vilãs são mais populares que os vilões. Odete Roitman e Maria de Fátima de *Vale tudo*, Nazaré de *Senhora do destino* e Carminha de *Avenida Brasil* são alguns exemplos de vilãs de grande popularidade.

desse tipo de produção contribui fortemente para a formação de “torcidas”² que, muitas vezes, vibram com as ações vilânicas de personagens com os quais frequentemente nos identificamos, não porque sejamos maus, mas porque somos humanos. Talvez essa seja uma das distâncias entre o heroísmo e a vilania, enquanto o primeiro requer habilidades e inclinações morais raras, a segunda se apresenta composta por vícios e atitudes condenáveis, ainda que muitas das quais passíveis de serem sentidas e feitas por qualquer um de nós.

Nas produções ficcionais, o anti-herói surge como uma possibilidade de questionar a perfeição heroica. Essa tipologia problematizadora está presente em autores como Dostoiévski e Kafka que deram vida a personagens “incompetentes, desonrados, humilhados, inseguros, ineptos [...] mas, às vezes, capazes de inesperada resistência e firmeza”.³ Porém, os vilões, sobretudo, em produções modernas como os quadrinhos, não perderam seu reinado. Talvez possamos dizer que eles têm passado por um processo de problematização, sobretudo, no que diz respeito a sua possível essência maligna. Darth Vader, por exemplo, nos filmes da saga *Guerra nas estrelas* lançados nos anos 2000, foi mostrado como alguém cujas ações malévolas possuem vinculação com as dores pessoais surgidas de uma história de perdas de pessoas amadas que o fizeram duvidar dos poderes da Força. Isso aponta para a possibilidade de imaginarmos que a maldade de Vader não é algo que devemos considerar como “natural”, mas, sim, fruto de uma escolha movida pela confluência de fatores e situações desestabilizadoras.⁴

Entretanto, há um limite na composição dos vilões, sobretudo, no caso das narrativas de matriz melodramática, frequentemente encontradas no jornalismo esportivo. Foi no melodrama francês do século XIX que os vilões encontraram a sua consolidação enquanto personagens populares.⁵ É válido lembrar que historicamente a palavra vilão costumava ser usada para designar o habitante de

² HAMBURGUER. *Novela é torcida*.

³ BROMBERT. *Em louvor de anti-heróis*, p. 14.

⁴ É importante enfatizar que se faz referência à produção fílmica, pois o personagem Darth Vader aparece em outras produções como as histórias em quadrinhos. Neste texto faz-se alusão especificamente a *Guerra nas Estrelas* em especial o filme *Star Wars: Episódio II – Ataque dos Clones*, lançado em 2002.

⁵ Certamente, antes do século XIX, podemos elencar personagens que encarnavam características e condutas consideradas nocivas ao bem comum. Porém, o melodrama enquanto gênero ficcional consegue desenhar o vilão nos moldes os quais ele se tornará popular em nosso imaginário.

vila que trabalhava para um senhor feudal, mas que ao contrário dos servos tinham o direito de abandonar a gleba. Essa perspectiva descritiva, com o tempo, foi sendo substituída por um ponto de vista de cunho avaliativo. C. S. Lewis aponta para esse processo em seu clássico *Studies in Word*:

a maior causa do verbicídio é o fato de que a maioria das pessoas está obviamente muito mais ansiosa para expressar sua aprovação e desaprovação das coisas do que para descrevê-las. Daí a tendência das palavras se tornarem menos descritivas e mais avaliativas; depois, tornar-se avaliador, mantendo algumas dicas do tipo de bondade ou maldade implícita; e acabar sendo puramente avaliador – sinônimos inúteis para o bem ou para o mal. Vamos ver isso acontecendo com a palavra vilão.⁶

Esse caráter judicativo é fundamental ao melodrama em cujas histórias o vilão se vincula a um certo padrão de maldade⁷ em oposição a idealizações de comportamentos virtuosos. É a partir de uma perspectiva de mundo polarizada que os vilões encontram sua consagração como personagens sobre cujas ações concentram-se o desenvolvimento da trama desse gênero teatral que teve, no tempo da Revolução Francesa, o seu momento áureo. Nesse período, grande parte da França se via diante da necessidade de exaltar valores como honra, família e coragem, sendo que os vilões representavam teatralmente o lado oposto desse mundo desejado.⁸ O melodrama obteve rápida popularidade e até os dias de hoje podemos ver sua herança deixada em outras produções, como romances, telenovelas e no jornalismo. Ivete Huppés demonstrou a proximidade entre as narrativas jornalísticas e o melodrama, pois ambos apelam aos sentidos e às emoções do público receptor, privilegiando acontecimentos que geram impacto, curiosidade e que são fartamente descritos e teatralizados.⁹

O melodrama passou a frequentar os jornais por intermédio do folhetim, nome inicialmente dado ao rodapé que era usado para abrigar piadas, charadas, receitas de comida, assim como críticas de peças de teatro e pequenas crônicas. O

⁶ LEWIS. *Studies in Word*, p. 121 (tradução minha). Original: The greatest cause of verbicide is the fact that most people are obviously far more anxious to express their approval and disapproval of things than to describe them. Hence the tendency of words to become less descriptive and more evaluative; then to become evaluative, while still retaining some hint of the sort of goodness or badness implied; and to end up by being purely evaluative – useless synonyms for good or for bad. We shall see this happening to the word villain.

⁷ LUDWIG. *Como se cria um vilão?*

⁸ THOMASSEAU. *O melodrama*.

⁹ HUPPES. *Melodrama*, p. 151.

folhetim tinha como função entreter o público. Essa característica foi apontada por Marlyse Meyer, ao afirmar que o folhetim “tinha uma finalidade precisa: era um espaço vazio destinado ao entretenimento”.¹⁰ Na primeira metade do século XIX, alguns textos ficcionais em formato de capítulos passaram a ser publicados nesses espaços. São os romance-folhetim – ou simplesmente folhetins – histórias repletas de aventuras, paixões, drama, tragédias, narrativas, enfim, que eram capazes de estimular a imaginação, a curiosidade e as emoções nos leitores. Esse foi o caso do *Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, um clássico da literatura mundial e que originalmente foi um dos folhetins de maior sucesso de público.

O futebol é um ritual que possui uma natureza agonística no qual a emoção desempenha um papel simbólico privilegiado.¹¹ Esse aspecto é fundamental no jornalismo esportivo brasileiro, afinal, lhe proporciona uma maior liberdade narrativa na construção da história dos jogos. A editoria esportiva, desse modo, se configura como espaço no qual se pode unir com mais anuência, informação e imaginação. Imaginação melodramática,¹² pois que caracterizada por exageros verbais, lugares-comuns e conteúdos convencionais, próprios para alcançar uma audiência massiva. A categoria infotenimento¹³ é importante para pensarmos a estreita relação entre informação e entretenimento presente no jornalismo nos últimos anos e que, também, encontra nas seções esportivas uma morada bastante acolhedora. Os vilões – assim como os heróis – são indicativos de que é possível perceber que grande parte das notícias esportivas são depositárias de representações “arquetípicas do melodrama que continuam subsistindo nos modos narrativos dessas tipologias de notícias”.¹⁴

No caso das narrativas jornalísticas sobre o futebol, os vilões surgem para personificar os problemas que se imagina estarem por trás da perda de um jogo. Quando digo vilões, faço referência a jogadores que foram considerados culpados por alguma ou várias derrotas. Para que esse personagem surja de modo imperioso faz-se necessário que as derrotas ocorram em jogos importantes que

¹⁰ MEYER. *Folhetim, uma história*, p. 57.

¹¹ DAMO. Paixão partilhada e participativa – o caso do futebol.

¹² BROOKS. *The melodramatic imagination*.

¹³ DEJAVITE. *Infotenimento*.

¹⁴ BARBOSA; ENNE. O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional, p. 69.

envolvam decisão de campeonatos e outros momentos em que ganhar é considerado um imperativo. Se o herói percorre uma trajetória ascendente, em que um status de superioridade lhe é conferido, o vilão costuma ser lançado numa trajetória de queda que o conduz a um território de acusações.

Essa trajetória descendente foi vivida por Muralha, no ano de 2017. E não foram suas atuações em campo as responsáveis diretas por esse caso. Em jogo estava a atuação de um discurso midiático nada imparcial e um tanto ansioso por provocar sensações, o que, muitas vezes, pode representar uma ameaça ao próprio jornalismo.

NINGUÉM É VILÃO POR ACASO: OS ESTEREÓTIPOS PERSECUTÓRIOS

Ninguém é vilão por acaso. Os melodramas franceses do século XIX evidenciam esse aspecto. Na França de Napoleão, por exemplo, os vilões “são geralmente ateus, frequentemente estrangeiros, marginais, forçados ou desertores do exército”,¹⁵ ou seja, são aqueles que na sociedade francesa da época fugiam ao padrão ideal de indivíduo. O mesmo ocorre com os vilões do futebol. A eleição de um vilão se dá em diálogo com uma série de fatores relacionados não apenas ao desempenho atlético ou à competência profissional. Além desses aspectos, pesa muito no processo de julgamento, o tipo de função que é exercida em campo. No caso do Brasil, goleiros, zagueiros, jogadores que costumam atuar em funções defensivas, árbitros e técnicos, já de antemão, são fortes candidatos a vilões. Obviamente que esse aspecto pode variar dependendo do contexto, havendo casos que contradizem essa tendência.

Mas esses são casos esporádicos. Os “óculos” dos jornalistas ao qual Bourdieu faz referência,¹⁶ no caso daquelas tipologias de jogadores, ganham lentes atentas e com olhos prontos para fazer de qualquer deslize um argumento praticamente inquestionável de culpabilidade. É como se as funções e características acima enumeradas fossem vistas como uma espécie de trabalho braçal do futebol, muitas vezes eficiente, que se costuma considerar como aquele que requer mais energia física do que inteligência e habilidade. Um trabalho

¹⁵ THOMASUSSEAU. *O melodrama*, p. 40.

¹⁶ BOURDIEU. *Sobre a televisão*.

necessário, mas nem por isso louvável. Até mesmo porque, não está relacionado a um talento imaginado como espontâneo e inato, características tão caras à composição da imagem do futebol brasileiro.¹⁷ Afinal, no universo futebolístico também é possível encontrar aquilo que Sérgio Buarque de Holanda classificou como “traço marcante de nossa vida social (...) O prestígio universal do ‘talento’ (...) em contraste com as atividades que requerem algum esforço físico”.¹⁸

No caso da seleção brasileira, essa questão é muito marcante. Analisando o repertório de vilões em Copas do Mundo é possível perceber que dificilmente um jogador que seja considerado como craque, tenha sido culpabilizado por alguma derrota. Craques podem chegar perto da vilania, mas, frequentemente, são salvos no final da história. Zico, por exemplo, foi um quase vilão, pois alguns aspectos o livraram de carregar a responsabilidade da derrota da Copa de 1986. Seu imenso talento como jogador, o fato de ser o camisa 10 da seleção e sua popularidade junto à torcida foram fatores que lhe serviram de escudo protetor contra a perda de um pênalti no jogo entre Brasil e França. Vale lembrar que, por muito menos, vários jogadores foram transformados em vilões. Dunga, em 1990, e Roberto Carlos, em 2006, foram culpabilizados pelas respectivas derrotas da seleção, por conta de possíveis falhas muito menos palpáveis e graves do que um pênalti perdido.¹⁹ Não se quer dizer com isso que houve algum tipo de injustiça e que Zico merecia tornar-se um vilão da seleção. Ao contrário, nenhum atleta ou outro profissional deveria ser assim representado. O que está em jogo é o fato de que a eleição de um vilão dá mostras de seu caráter tendencioso evidenciando a artificialidade desse personagem.

Não é qualquer profissional da bola cujos “erros” ou “falhas” serão convertidos em fatores julgados como decisivos para uma derrota. Nesse sentido, seria interessante pensarmos na existência de uma série de “estereótipos da perseguição”²⁰ na eleição dos vilões da derrota. Isso significa dizer que no processo de escolha dos vilões, é levada em consideração a pertinência dos

¹⁷ É importante mencionar que a concepção de futebol-arte é vinculada à seleção brasileira. Em nível clubístico o imaginário do futebol-arte nem sempre é preponderante.

¹⁸ HOLANDA. *Raízes do Brasil*, p. 84. Sobre a questão do talento e do dom, ver: DAMO, Arlei. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*, 2007.

¹⁹ COSTA. *A trajetória da queda*.

²⁰ GIRARD. *O bode expiatório*, p. 24.

jogadores, assim como outros profissionais, “a certas categorias particularmente expostas à perseguição”.²¹ No que diz respeito às narrativas da derrota produzidas por grande parte da mídia esportiva é notável a predileção por certas categorias para serem as protagonistas de um fracasso em campo. Entretanto, é válido dizer que tal tendência, também, está presente no imaginário nacional futebolístico, não se tratando de um processo de mão única. As derrotas são narradas pela mídia esportiva em relatos que distinguem e ordenam os eventos, articulando materiais simbólicos de natureza diversa.

Porém, não basta a predisposição para culpabilizar determinados tipos de jogadores ou outros profissionais do futebol. É necessário que existam motivos razoavelmente palpáveis para que a vilania seja configurada. Aqui é importante pensarmos na questão das “falhas” e dos “erros” imputados a quem é eleito vilão, pois, é necessário que se leve em consideração que a vilania não é totalmente infundada, no que diz respeito ao desempenho profissional. Grande parte dos vilões do futebol, de fato, teve uma atuação passível de ser analisada sob uma perspectiva negativa. Passes errados, pênalti perdido, escalações pouco adequadas, problemas na marcação do adversário, atuações apáticas etc., não são fruto apenas da imaginação da torcida ou jornalistas esportivos.

Entretanto, o que chama a atenção, é o fato de que as ações malsucedidas, frequentemente, passam a ser compreendidas como a causa de uma derrota, dependendo de quem as comete. Pois, vilão não é somente aquele que erra, mas aquele cuja falha será compreendida como o motivo direto de um fracasso. O deslocamento semântico é grande. De um simples desempenho deficitário passa-se para a ideia de culpa. Esse deslocamento no contexto do discurso da mídia esportiva, como já foi dito, não é neutro, pois ninguém é vilão por acaso.

Esse é o caso dos goleiros. Esse é o caso de Muralha. E para começar esta análise, recorremos a história de Barbosa, um vilão emblemático da história do futebol nacional.

²¹ GIRARD. *O bode expiatório*, p. 25.

O CASO BARBOSA

Mário Filho tinha razão quando afirmou que Barbosa havia sido escolhido “a dedo”²² para ser culpabilizado pela derrota de 1950. Certamente não havia imparcialidade na escolha daqueles que foram considerados como os principais responsáveis pela perda daquele mundial e para Mário Filho essa eleição relacionava-se ao fato de Barbosa ser negro.²³ Também é de se levantar a hipótese de que a função desempenhada pelo jogador em campo constitui outro fator a ser considerado. E esse detalhe não passou despercebido por Nelson Rodrigues que em crônica comentou que “só o arqueiro tem que ser infalível”,²⁴ por isso, quando o brasileiro se lembra de 1950, diz o teatrólogo que “ninguém pensa no colapso geral, numa pane coletiva. Não. O sujeito pensa em Barbosa, o sujeito descarrega em Barbosa a responsabilidade maciça, compacta da derrota”.²⁵

Não é sem motivos que dias após o jogo, uma matéria publicada no *Jornal dos Sports* fez uma análise de todos os goleiros que haviam defendido a seleção em Copas do Mundo e outras competições internacionais. Essa avaliação tinha como objetivo mostrar o quanto era frágil o preparo emocional dos arqueiros nacionais, fragilidade que os fazia falhar em momentos decisivos, como comentou Ricardo Serran:

Estranho que pareça, todos os grandes arqueiros do país, com exceções não muito seguras, falham em partidas contra *teams* estrangeiros. Várias causas são apontadas e de acordo com os entendidos, entre elas figura em plano destacado a questão do controle dos nervos (...) Naturalmente pela própria posição no *team* – o chamado último reduto – os arqueiros pagam pelas suas faltas e pelos erros dos companheiros (...) as consequências são bem amargas e não adiante lembrar como nasceram os *goals*, pois o torcedor pensa apenas no derradeiro obstáculo transposto.²⁶

²² FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. xix.

²³ Na segunda edição de seu clássico livro *O negro no futebol brasileiro*, Mário Filho relacionou a culpabilização de Barbosa ao fato de ele ser negro. A derrota de 1950 foi incorporada na edição de 1964, já que a primeira datava de 1947. Segundo Mário, “Uns acusavam Flávio Costa. Mas quase todos se viravam era contra os pretos do escrete. – O culpado foi Bigode! – O culpado foi Barbosa! (...). E vinham as acusações de brasileiros contra brasileiros (...). A verdade é que somos uma sub-raça. Uma raça de mestiços. Uma raça inferior”. FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 335.

²⁴ FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 69.

²⁵ FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 69.

²⁶ *Jornal dos Sports*, 27/07/1950.

O jornalista relaciona as falhas dos goleiros da seleção²⁷ ao descontrole “dos nervos” que, por sua vez, foi o argumento comumente usado para explicar a derrota da seleção brasileira em 1950.²⁸ Porém, poucas críticas foram feitas ao péssimo desempenho do ataque da seleção que, até então, contabilizava a excelente marca de 21 gols pró – sete deles feitos em apenas um jogo – mas que marcou apenas um, justamente na partida mais decisiva. Alguns torcedores, também, enfrentaram com maior condescendência a pouca produtividade do ataque nacional. Segundo um dos leitores do *Jornal dos Sports* Ademir foi “um caso isolado (...) salvou-se da lista negra, porque sempre foi um ardoroso entusiasta, procurando sempre encontrar o caminho para a consagração final”.²⁹ Segundo Paulo Perdigão, o Brasil teve ao total 30 lances a gol durante toda a partida.³⁰ Entretanto a culpa pela derrota recaiu sobre o goleiro Barbosa, o que significa dizer que entre todos, seus deslizes foram os que tiveram mais peso. Afinal como diz a música “Goleiro (eu vou lhe avisar)” de Jorge Ben Jor, “goleiro eu vou lhe avisar/goleiro não pode falhar”.

Depois de Barbosa, quem sofreu muito com a alcunha de “frangueiro” foi Valdir Perez, em 1982. Assim foi denominada a sua falha cometida no jogo da seleção contra a União Soviética, que segundo Paulo Guilherme, tratou-se de “um frango com todas as letras, asa, penas, crista e moela (...) talvez o maior frango que um goleiro brasileiro tenha tomado em uma Copa do Mundo”.³¹ Embora, o Brasil

²⁷ A listagem incluía Batatais (1938-1939); Oberdan (1945); Ari (1946); Borracha (1948) e Barbosa (1950). A avaliação não considerou apenas as atuações em Copas do Mundo.

²⁸ A derrota de 1950 acendeu uma discussão acerca da natural inferioridade da raça brasileira, já que nela estariam os motivos que nos faziam titubear em momentos decisivos. Em 1954, a má campanha da seleção na Copa, também, foi recebida como um sinal de que o Brasil ainda era uma nação cujo perfil se desenhava sombrio e marcado pelo fracasso. Mais uma vez, se fez menção a uma possível deficiência própria do brasileiro e que novamente estaria relacionada a alguma fraqueza de ordem racial e moral. O aspecto emocional foi, do mesmo modo, destacado por João Lyra Filho em seu livro *A taça do mundo de 1954*. Segundo o autor a falta de domínio emocional teria sido o fator determinante para a derrota do selecionado brasileiro, defeito que não estaria circunscrito ao âmbito do futebol, pois “o sistema nervoso que trabalhou aqueles momentos inaugurais do jogo, denunciado no estado de ânimo dos nossos rapazes, não é privativo dos jogadores brasileiros de futebol; é comum à maior parte do povo brasileiro”. FILHO. *A taça do mundo de 1954*, p. 55.

²⁹ *Jornal dos Sports*, 19/07/1950.

³⁰ PERDIGÃO. *Anatomia de uma derrota*, p. 158.

³¹ À primeira vista tratava-se de uma defesa fácil, pois a bola chutada pelo soviético Andreij Bal era de longa distância. Mas... Valdir Perez ao se abaixar para fazer a defesa “a bola passou ao lado de sua perna, resvalando em sua mão direita, e foi parar no fundo das redes”. GUILLHERME. *Goleiros*, p. 197.

tenha vencido a partida em questão e que Waldir Perez tenha realizado boas partidas ao longo desse campeonato, a fama de “frangueiro” ganhou força, principalmente depois da eliminação da seleção brasileira. Uma eliminação cuja falha de Waldir Perez em nada contribuiu. Entretanto, as críticas foram muitas e o goleiro viu-se obrigado a evitar sair às ruas e a trocar o filho de colégio, já que o menino não suportava mais ser alvo de zombarias dos colegas.³²

Em 2010, o goleiro Julio Cesar teve que enfrentar as acusações de ter falhado no gol da Holanda, nas quartas de final da Copa da África do Sul. Na edição do dia seguinte à eliminação da seleção, o Caderno de Esportes do jornal o Globo publicou que “Julio Cesar admite que falhou”. A matéria assinada pelo jornalista Guto Seabra, embora enfatize a competência do goleiro, destaca as palavras de Julio Cesar: “Acontece, os melhores também erram no nosso trabalho”.³³ A *Folha de São Paulo* também faz menção a um possível erro cometido pelo goleiro “Após silêncio, Julio Cesar fala, admite falha no 1º gol e chora”.³⁴ É fato que ambos os jornais fizeram uso de declarações dadas pelo próprio Julio Cesar em entrevista, mas, em geral, a avaliação da atuação do goleiro foi considerada como negativa, pois o segundo gol da Holanda havia acontecido “após uma saída atabalhoada de Julio César aos 23 min.”.³⁵ E na matéria de *O Globo*, Júlio César tem sua dignidade reconhecida afinal mostrou “personalidade e coragem, a defender-se *depois de falhar* no primeiro gol da Holanda”.³⁶

Na Copa de 2014, Julio César defendeu dois pênaltis no jogo contra o Chile, o que foi decisivo para que a seleção passasse para as quartas de final daquela competição. Em entrevista dada logo após a partida, o goleiro em lágrimas desabafou: “Quatro anos atrás eu dei uma entrevista, muito triste, chateado e emocionado (...). Só Deus sabe e minha família, o que eu passei e passo até hoje”.³⁷

Entretanto, Barbosa não teve essa chance e esse é um dos motivos que faz dele o exemplo mais paradigmático de vilão. A imagem do goleiro jamais conseguiu desvincular-se da derrota de 1950.

³² GUILLHERME, *Goleiros*, p. 198.

³³ *O Globo*, 03/07/2010.

³⁴ *Folha de São Paulo*, 03/07/2010.

³⁵ *Folha de São Paulo*, 03/07/2010, D4

³⁶ *Folha de São Paulo*, 03/07/2010, D11, grifo meu.

³⁷ *Rede Globo*, 28/06/2014. Arquivo pessoal.

Mesmo tantos anos após o Maracanazo, olhar para Barbosa era olhar para a derrota da seleção. Barbosa chegou a ser convertido em um símbolo de azar, a ponto de em 1993 ter sido proibido de entrar na concentração da Seleção Brasileira de Futebol com a justificativa de que sua presença significava “mau agouro”.³⁸ Uma punição muito severa fora lançada sobre o arqueiro da seleção: a de nunca ser esquecido. Severa, principalmente, porque a memória da qual Barbosa passou a fazer parte relacionava-se à dor, esse sentimento que Nietzsche tinha toda razão em considerá-lo como um dos mais eficientes instrumentos mnemônicos.³⁹ É por meio da dor de uma derrota que vilões como Barbosa são lançados no panteão negativo da fama e lá permanecem até obterem a oportunidade de redimir os erros que lhes são imputados. Porém, a derrota de 1950 jamais conseguiu ser contada sem que no centro de sua narrativa estivesse Barbosa.⁴⁰

As poucas filmagens que sobraram não lhe serviram de auxílio, ao contrário, sua escassez reforçou a hipótese de erro do arqueiro brasileiro, que nunca teve a oportunidade de provar o contrário. Não havia os recursos tecnológicos de hoje com seus tira-teimas ou as dezenas de câmaras espalhadas pelo gramado que pudessem captar ângulos e perspectivas diferentes capazes de inocentar Barbosa, ou pelo menos tornar menos peremptória sua culpabilização. Mas é provável que mesmo que existissem, tais recursos não fossem tão úteis assim. A impressão de ter havido uma falha, dificilmente se apaga mesmo que seja empreendido um esforço para se comprovar o contrário. A necessidade de atribuir responsabilidades pela derrota é imperativa, pois como bem percebeu Nelson

³⁸ O então técnico Carlos Alberto Parreira disse que na verdade Barbosa teria sido proibido de entrar no treino, pois não desejava “encontros com Barbosa ou qualquer outro jogador do passado”. *O Globo*, 17/09/1993.

³⁹ NIETZSCHE. *Genealogia da moral*, p. 51.

⁴⁰ Entretanto, se por um lado é verdade que jamais preencheríamos a lacuna deixada pela Copa de 1950, por outro, as culpabilizações lançadas sobre Barbosa perderiam muito de sua força, caso o goleiro continuasse a atuar pela seleção e conseguisse sagrar-se campeão novamente. E apenas o futuro podia lhe oferecer essa possibilidade de redenção, já que seu passado, mesmo que glorioso, pouco lhe socorria. Antes da Copa de 1950, Barbosa fora campeão pelo Brasil, naquele mesmo ano, da Copa Rio Branco e campeão Sul-Americano em 1949. Porém, depois de 1950, nada ganhou pelo escrete nacional. Participou do Sul-Americano de 1953, contudo o Brasil fez uma campanha irregular, sendo eliminado do torneio após duas derrotas para o Paraguai. Nesse mesmo ano, como já foi dito, aconteceu a fratura e o corte da Copa de 1954. Sua figura parecia, inevitavelmente, anexar-se aos 33min30s do segundo tempo daquele Brasil X Uruguai.

Rodrigues, “nas derrotas muito amargas, a tendência natural da torcida é caçar, por toda parte os culpados”.⁴¹

Essa caça começou logo depois do apito final de Mr. Reader. Mário Filho, o jornalista esportivo mais importante da época, afirmou que Barbosa “nos dois lances decisivos se movimentou sempre com atraso fatal”.⁴² Mário minimizou o peso do erro, ao compreender que se tratava de uma falha derivada do excesso de responsabilidade depositado sobre os jogadores. Porém, essa tentativa não escondia a desconfiança de que o goleiro da seleção não tivera controle emocional suficiente para suportar um jogo daquele porte. Em 1964, na segunda edição de sua obra mais importante, *O negro no futebol brasileiro*, Mário Filho reiterou suas insinuações quanto à falta de controle emocional de Barbosa. Ao comentar a estreia do goleiro na seleção brasileira, em 1945, durante a Copa Roca, o jornalista afirma que Barbosa após levar um gol, “se apavora, engole outro. Teve que mudar de calção. Enquanto mudava de calção o velho Oberdan entrava no lugar dele”.⁴³

As matérias jornalísticas que foram publicadas logo após a perda do mundial, em 1950, demonstram que, ao contrário do que se pensa, Barbosa, inicialmente, dividiu o fardo da vilania com o lateral Bigode. O periódico *Esporte Ilustrado*, por exemplo, conclui que tanto Barbosa quanto Bigode haviam sido os “principais causadores do revés”.⁴⁴ O anúncio do filme *A Copa do Mundo de 1950*⁴⁵ prometia que poderia comprovar ou desmentir as hipóteses de que tanto Barbosa quanto Bigode teriam falhado. Segundo a propaganda, o gol uruguaio poderia ser examinado com calma já que aparecia “com mais clareza, permitindo ao público, agora que tudo já serenou, apreciar com mais frieza e calma a cena trágica de que foram os principais personagens, Barbosa, Bigode e Ghiggia”.⁴⁶

⁴¹ RODRIGUES. *A pátria em chuteiras*, p. 256.

⁴² *Jornal dos Sports*, 18/07/1950.

⁴³ FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 271. Essa menção – um tanto de mau gosto – é feita na segunda edição de *O Negro no Futebol*, especificamente no capítulo “A provação do preto” que não constava na edição de 1947.

⁴⁴ *Esporte Ilustrado*, 20/07/1950.

⁴⁵ *Esporte Ilustrado*, 20/07/1950.

⁴⁶ “Por que o Brasil perdeu a Copa do Mundo” foi um documentário resultante das filmagens do jogo Brasil X Uruguai que ficou a cargo do consórcio Cinédia-Milton Rodrigues, que cobriu com exclusividade a Copa do Mundo de 1950. Esse documentário foi lançado no Rio de Janeiro no circuito Plaza. PERDIGÃO. *Anatomia de uma derrota*, p. 41.

⁴⁶ *Jornal dos Sports*, 08/08/1950.

As manifestações de descontentamento com a atuação de Barbosa vieram rapidamente. Na análise do desempenho individual dos jogadores da seleção, o jornal *Correio da Manhã* concluiu que Barbosa “não esteve numa tarde feliz (...) Falhou por ocasião do segundo gol uruguaio”.⁴⁷ O *Estado de São Paulo*, por sua vez, declarou que “se Barbosa permanecesse parado, onde se encontrava, a bola teria batido nele e voltado. Fez, porém, o inacreditável: atirou-se no chão quando ela vinha de meia altura”.⁴⁸ Já no jornal *O Diário do Povo*, podemos ler que “Barbosa esteve num dia negro, engolindo um frango no gol que deu a vitória aos orientais”.⁴⁹

No *Jornal dos Sports*, a foto do gol de Ghiggia veio acompanhada do seguinte comentário: “*Barbosa falhou* na cobertura da meta. O couro tomou o caminho certo do fundo das redes”.⁵⁰ Esse mesmo periódico esportivo publicou algumas opiniões de leitores em relação à derrota do selecionado. Houve quem pedisse apoio à seleção, mas muitas pessoas demonstraram grande insatisfação com a atuação de alguns jogadores. Em uma das cartas publicadas na seção “Desabafa o torcedor”, o leitor Gilvan Guedes fez uma análise do desempenho individual da seleção e não titubeou ao apontar Barbosa como “o responsável direto pela nossa derrota”.⁵¹ Opinião bem próxima a do colunista desse mesmo jornal, Ricardo Serran, que afirmou que Barbosa havia deixado “passar os dois gols uruguaio, especialmente o segundo”.⁵² Ao narrar o segundo gol Uruguaio, o locutor Edson Leite, da Rádio Bandeirante, estava certo de que se tratava de uma incrível falha do goleiro brasileiro e, por isso, bradou: “Barbosa errou [sic] sobre a bola, num *frango espetacular!*”.⁵³

Vinte anos depois, em 1970, houve um *boom* de referências ao Maracanazo, afinal, a seleção, pela primeira vez, voltaria a enfrentar o Uruguai em uma partida de Copa do Mundo. Desse modo, 1950 ressurgiu como um fantasma e um mote narrativo importante para que a imprensa da época promovesse sua

⁴⁷ *Correio da Manhã*, 18/07/1950. Grifo meu.

⁴⁸ *Apud* PERDIGÃO. *Anatomia de uma derrota*, p. 147.

⁴⁹ *O Diário do Povo*, 18/10/1950. Grifos meus.

⁵⁰ *Jornal dos Sports*, 18/07/1950. Grifo meu.

⁵¹ *Jornal dos Sports*, 19/07/1950.

⁵² *Jornal dos Sports*, 27/07/1950.

⁵³ Áudio disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=dPGiuV5w1W8>.

“falação esportiva”.⁵⁴ Barbosa estava no centro daquela lembrança. O goleiro voltava ao cerne da discussão em torno da pergunta que mais uma vez se repetia “por que o Brasil perdeu?”. Em 1970, essa foi a tônica das referências que foram feitas ao jogo do dia 16 de julho pela imprensa esportiva. Os principais atores do jogo compareceram para dar seu testemunho: Obdulio Varela, Ghiggia, Bigode e Juvenal foram os nomes mais consultados para decifrar aquele que se transformara no maior dos enigmas de 1950: Barbosa teria falhado?

A tentativa de inocentar Barbosa por parte dos jogadores foi grande e Ghiggia foi um dos que levantou voz a favor do ex-goleiro da seleção: “não houve falha de Barbosa (...) ele usou a lógica, já que o primeiro gol surgiu de uma jogada semelhante, de um centro meu”.⁵⁵ Obdulio Varela, por sua vez, também defendeu Barbosa alegando que se tratava de um “goleiro ágil e com grande golpe de vista”, mas cuja sorte lhe faltara no segundo gol uruguaio.⁵⁶ Porém, se os uruguaios o inocentavam, seu colega de seleção, Juvenal, não foi tão solidário. Em entrevista ao *Jornal do Brasil*, o jogador afirmou que Barbosa foi um grande goleiro e não poderia ter tomado um gol “como aquele, a bola passando entre ele e a trave”.⁵⁷

A narrativa da derrota de 1950 e a narrativa da vida de Barbosa, com o passar do tempo, se entrecruzaram cada vez mais. Era difícil a mídia esportiva falar do Maracanazo sem fazer referência ao goleiro e impossível falar de Barbosa sem recordar a perda do título mundial da seleção de 1950. No final dos anos de 1990, Barbosa veio a público pedir ajuda devido a problemas financeiros pelos quais passava. Sua vida foi narrada, frequentemente, tendo como fio condutor o jogo do dia 16 de julho de 1950, o que ficava claro na matéria publicada pelo jornal *O Dia* em que se afirmava: “desde que sofreu o fatídico gol marcado pelo uruguaio Ghiggia na final da Copa de 1950, a sorte não tem sido amiga do ex-goleiro Moacir Barbosa”.⁵⁸ Barbosa continuou a ser notícia. O pedido de auxílio repercutiu e seu nome quase sempre era citado nas matérias jornalísticas que abordavam a questão do ostracismo enfrentado por atletas que já haviam sido famosos algum dia. Com o

⁵⁴ ECO. *Viagem na irrealidade cotidiana*.

⁵⁵ *JB*, 17/06/1970.

⁵⁶ *Veja*, 24/06/1970.

⁵⁷ *Jornal do Brasil*, 17/06/1970.

⁵⁸ *O Dia*, 11/06/1997.

falecimento do goleiro em 2000, a imagem de injustiçado foi fortalecida e manchetes como a do jornal *O Globo* do dia 08 de abril de 2000 dizia: “Morre Barbosa, goleiro que o Brasil crucificou na Copa de 1950”. Parece que definitivamente Barbosa tinha sua vida totalmente anexada ao Maracanazo.

Até que chegou a Copa de 2014 e a eliminação dessa competição ocorrida na goleada de 7 a 1 imposta pela Alemanha. Essa derrota foi recebida pela mídia esportiva como uma espécie de redenção de Barbosa.⁵⁹ Alguns periódicos do dia seguinte ao jogo tiveram como capa a imagem do segundo gol uruguaio na Copa de 1950 acompanhada de pedidos de desculpas ao ex-goleiro da seleção.⁶⁰ Esse gesto, além de tardio, não passava de mais uma estratégia discursiva para amplificar os sentidos de uma derrota da seleção que novamente não conseguia sagrar-se campeã mundial em seu próprio território. Uma estratégia um tanto previsível, aliás, mas que em parte deu mostras do vínculo imagético ainda mantido pela mídia esportiva entre a derrota de 1950 e Barbosa.

Certa vez, o ex-goleiro fez um pequeno acréscimo à famosa declaração de Ghiggia que havia dito: “Somente três pessoas calaram o Maracanã: o papa, Frank Sinatra e eu”. Barbosa emendou: “Eu também fiz o Brasil calar, fiz o Brasil chorar: não é só ele que tem esse privilégio”.⁶¹ A ironia evidencia o paradoxo de uma fama às avessas, típica dos vilões do futebol. E esse fenômeno não é exclusivo da seleção, sendo perceptível, também, em nível clubístico.

O CASO MURALHA

Poucos jogadores nos últimos tempos apresentaram uma trajetória de queda tão intensa quanto a do goleiro Alex Roberto, mais conhecido como Muralha. Poucos jogadores nos últimos tempos passaram por um processo de depreciação da imagem tão categórico e quase que irremediável. Convocado para a seleção brasileira no final de 2016, Muralha terminou a temporada de 2017 como tema de

⁵⁹ Para uma perspectiva comparativa sobre as duas derrotas ler BRINATTI, Francisco. *Maracanazo e Mineiratzen: imprensa e representação da seleção brasileira nas Copas do Mundo*. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

⁶⁰ COSTA. Maracanazo, adeus?

⁶¹ NETO. *Dossiê* 50, p. 53.

incontáveis memes que o transformaram em piada, alvo de raiva, deboche e ironia. Considerado como um dos principais responsáveis por importantes derrotas do Flamengo, Muralha transfigurou-se em um vilão, execrado por grande parte da torcida e da mídia esportiva.

É válido reiterar que os vilões do futebol não são criações aleatórias. Isso é bastante evidente no caso de Muralha que desde abril de 2017 passou a ter suas atuações questionadas devido ao mal desempenho em jogo válido pela Copa Libertadores, Flamengo x Atlético Paranaense, no qual, segundo alguns jornais, o goleiro teria falhado no primeiro gol sofrido pelo clube carioca. *O Globo*, por exemplo, considerou que Muralha errou, mas que por outro lado, também havia sofrido uma falta,⁶² o que deveria ter gerado como consequência a anulação do gol atleticano. Interpretação diferente foi mostrada pelo jornal *Extra* que estampou em sua primeira página a manchete: “Falhas derrubam o Fla. Goleiro *tem erro de principiante*, atacantes desperdiçam chances claras e Flamengo perde por 2 a 0 para o Atlético-PR em Curitiba”.⁶³ Na capa do caderno de esportes dessa mesma publicação, o goleiro mais uma vez apareceu em destaque com a manchete: “Muralha baixa. Defesa do Flamengo falha, desperdiça chances, time é derrotado pelo Atlético-PR por 2 a 1 na Arena da Baixada e perde a liderança do grupo”.⁶⁴

Esse é um momento importante na caminhada de Muralha rumo ao panteão dos vilões do futebol, pelo menos do Flamengo. Um relevante fator a ser considerado nesse percurso, diz respeito à eliminação do clube da Taça Libertadores da América, ocorrida em junho de 2017, o que criou uma atmosfera de maior cobrança e desconfiança em relação ao time. É de se destacar, nesse caso, o jornal *Extra* que dará constante ênfase as atuações de Muralha, desembocando no polêmico editorial sobre o qual falaremos mais tarde. Até chegar a esse ponto é preciso mencionar a edição do dia 08 de junho de 2017, em que na primeira página do referido periódico podemos ler “Muralha entrega mais uma vez”. No seu caderno esportivo *Jogo Extra* desse mesmo dia, a derrota do Flamengo para o

⁶² *O Globo*, 27/04/2017.

⁶³ *O Globo*, 27/04/2017. Grifos meus.

⁶⁴ *Jogo Extra*, 27/04/2017.

Sport, no campeonato brasileiro, é avaliada como resultado da péssima atuação coletiva do time carioca, especialmente a “*falha bisonha* do goleiro Muralha”.⁶⁵

Na edição do dia seguinte, Muralha ocupa o protagonismo desse mesmo caderno esportivo cuja capa é composta por uma fotomontagem em que o jogador aparece sentado sobre as traves com várias bolas indo a sua direção. Acima se lê: “Desabou”. Nas páginas internas, anuncia-se a possível ida do goleiro para o banco de reservas, critica-se a insistência do Flamengo em não contratar outro jogador para a posição e, em tom de brincadeira, faz-se a pergunta “Engenheiros do Fla avaliam: é Muralha ou mureta?” Os engenheiros em questão são torcedores que opinam negativamente sobre o desempenho do goleiro. Um dos entrevistados afirma que: “Não dá mais para defendê-lo. Aquele paredão poderoso virou um murinho baixo”.⁶⁶

O enfoque em Muralha cessa com sua perda de titularidade e com a posterior boa fase do Flamengo que, no início mês de julho de 2017, chegou a ocupar o 2º lugar do Campeonato Brasileiro. Na metade desse mesmo mês, Diego Alves foi apresentado como novo goleiro, o que mereceu a seguinte manchete do *Extra*, “A verdadeira muralha”.⁶⁷ É de se considerar que essa afirmativa se ancorava em parte no histórico profissional de Diego Alves,⁶⁸ por outro lado, o elogio foi feito sem ainda ter jogado pelo rubro-negro carioca. Tratou-se, portanto, de uma assertiva pouco fundamentada em fatos, o que a faz soar como mais uma provocação lançada pelo jornal.

No final de agosto, Muralha voltou a ser titular em uma partida e retornou com toda força às páginas do *Extra* como protagonista de mais uma derrota, desta vez para o Paraná, resultado que eliminou o Flamengo da Copa da 1ª Liga:⁶⁹ “Muralha entrega de novo”.⁷⁰ A atuação considerada ruim e a possível escalação do goleiro para a final da Copa do Brasil 2017 – competição em que Diego Alves não fora inscrito –, motivaram o polêmico editorial do *Extra*, na qual se afirmava que,

⁶⁵ *Jogo Extra*, 27/04/2017, p. 7. Grifos meus.

⁶⁶ *Jogo Extra*, 09/06/2017.

⁶⁷ *Extra*, 18/07/2017.

⁶⁸ Em 2016, Diego Alves, quando jogava no Valência, se tornou o recordista de pênaltis defendidos na história do Campeonato Espanhol.

⁶⁹ Primeira Liga foi o torneio criado em 2016 e que era disputado entre equipes de Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Ceará.

⁷⁰ *Extra*, 31/08/2017.

dali em diante, o jornal faria referência ao goleiro não mais pelo seu apelido: “Em nome da precisão jornalística, o leitor do Extra não encontrará, a partir de hoje a palavra Muralha relacionada ao senhor Alex Roberto Santana Rafael”.⁷¹ No caderno de esportes o tom continuou ácido com a manchete “Ex-Muralha”.⁷²

O texto causou irritação chegando mesmo a motivar uma declaração do presidente do Flamengo, Eduardo Bandeira de Mello, repudiando tal atitude. A mesma revolta foi demonstrada por segmentos da própria mídia esportiva.⁷³ Cumprindo a promessa de não fazer uso da denominação Muralha, o jornal pediu desculpas, afirmando que tudo se tratava de uma brincadeira cujas consequências até poderiam ser positivas: “Torcedores abraçam goleiro. Brincadeira do *Extra* gera comoção nas redes sociais e Alex ganha apoio do clube e de torcedores. Atleta se sente ofendido e jornal pede desculpas. Mas, sem abrir mão do bom humor se o goleiro voltar a fechar o gol, vamos chamá-lo até de Muralha da China”.⁷⁴ Coincidência ou não, o goleiro foi para o banco de reserva, o que não se mostrou uma solução, pois seu substituto, Thiago, de acordo com o mesmo jornal “falha feio, bate roupa e Flamengo cede empate em casa na primeira partida da final contra o Cruzeiro”.⁷⁵

No segundo jogo dessa final, Muralha voltou ao gol. A partida terminou empatada em 0 a 0, e a decisão foi para os pênaltis. Seria uma ótima chance de redenção, pois se por caso Muralha defendesse alguma penalidade e, ao final, o Flamengo conseguisse o título, é muito provável que de vilão, o goleiro experimentasse dias de herói. Afinal, a vilania não é um estado permanente, até mesmo porque, antes de tudo, o vilão deve ser compreendido como um personagem, típico das narrativas da mídia esportiva. Mídia cujos sentidos atribuídos aos atores de uma partida, dependem em grande medida do resultado de um jogo. Sendo assim, sempre existe a possibilidade de redenção que se dará, necessariamente, em um contexto de vitória. Dunga, um dos jogadores considerados culpados da eliminação

⁷¹ *Extra*, 01/09/2014.

⁷² *Extra*, 01/09/2014.

⁷³ *O Globo*, 01/09/2017.

⁷⁴ *Extra*, 02/09/2017. Grifo meu. O programa Redação Sportv que foi ao ar dia 01/09/2017 levou o tema à discussão, da qual o editor do Extra, Márvio dos Anjos, participou por telefone.

⁷⁵ *Extra*, 08/09/2017.

da Copa de 1990, é um ótimo exemplo de vilão redimido, já que em 1994 saiu da Copa consagrado, como o capitão do Tetra.⁷⁶

Mas esse não foi o caso de Muralha que não conseguiu pegar nenhum pênalti, enquanto Fábio, seu adversário, defendeu o pênalti cobrado pelo jogador Diego do Flamengo. O jornal *Extra* criticou severamente a atuação do meio-campo Diego, mas não perdeu a oportunidade de continuar a fazer de Muralha seu alvo preferido não somente de críticas, mas de chacotas: “Alex em dia de Alex”.⁷⁷ Na primeira página da edição do dia 29, uma sequência de fotos de Muralha durante as cobranças de pênaltis aparece cercada da manchete carregada de ironia: “Departamento de inteligência do Fla mandou o goleiro pular só num canto”.⁷⁸ No caderno de esportes publica-se uma matéria na qual o goleiro Fábio, do Cruzeiro, explica suas técnicas para pegar pênalti, entre as quais “Tem hora que você alterna um canto ou outro”, o que faz o jornal concluir que “A estratégia se mostrou mais eficaz do que a adotada por Alex Roberto”.⁷⁹

Em novembro, Muralha foi colocado novamente como titular em um jogo contra o Santos, desta vez pelo Campeonato Brasileiro. Sua atuação não foi das melhores. Ao sair jogando com os pés, perde a bola, é driblado pelo atacante adversário e sofre um gol improvável. No decorrer do jogo, Muralha não segura o chute de Arthur Gomes e o Flamengo perde uma partida importante, colocando em risco sua classificação para a Libertadores de 2018. A capa do *Jogo Extra* recorreu a um jogo de palavras e publicou a manchete “Indefensável”.⁸⁰ Essa foi a última atuação do goleiro pelo Flamengo.

O ano de 2018 começou com boatos de uma possível transferência. Sua continuidade no clube, à primeira vista, parecia pouco viável. Por outro lado, qual clube se arriscaria a contratar um goleiro cuja imagem ainda estava tão anexada ao

⁷⁶ Dunga é um caso fascinante. Vilão em 1990, foi ele o capitão e herói que ergueu a taça do mundo após gritar uma série de palavrões. O ex-jogador tornou-se técnico da seleção indo à Copa de 2010, retornando sem título e voltando ao reino dos vilões da seleção Brasileira. De modo improvável novamente tornou-se técnico da seleção, em 2014, substituindo Felipão. Após a eliminação da Copa América em 2016, Dunga foi nova mente vilanizado ao ser considerado um dos responsáveis pelas más atuações da seleção brasileira. Mais uma vez vilão, Dunga até a escrita deste texto não voltou a experimentar o comando de um time.

⁷⁷ *Extra*, 28/09/2017.

⁷⁸ *Extra*, 29/09/2017.

⁷⁹ *Jogo Extra*, 29/09/2017.

⁸⁰ *Jogo Extra*, 27/11/2017.

declínio e à derrota? Quem contrataria um vilão alvo de críticas e, também, de escárnio e deboche? Muralha estava estigmatizado, pelo menos nos campos brasileiros. Porém, diferentemente da época de Barbosa, hoje em dia existe um mercado futebolístico imenso e que extrapola a fronteira do Brasil. Por isso, Muralha fez as malas e foi para o distante Japão onde atuou por empréstimo no Albirex Niigata, na temporada de 2018.⁸¹ O jornal *Extra*, ainda chamando o goleiro pelo nome de batismo, anunciou sua transferência em tom de ironia e escárnio: “Abre o olho, japa! Time de Alex Roberto diz que ele é bom com os pés”.⁸² De acordo com o referido jornal, o clube Albirex teria apresentado Muralha enaltecendo sua “*suposta habilidade com os pés*”.⁸³

O desempenho de Muralha continuou a ser assunto tratado na mídia esportiva. Em abril de 2018, o Globoesporte.com deu destaque a um possível erro do goleiro que teria sido decisivo para a derrota do seu time: “Muralha falha, e Albirex Niigata é derrotado pelo Tochigi na Série B japonesa. Goleiro emprestado pelo Flamengo não consegue defender a bola em desvio após cobrança de lateral”.⁸⁴ Meses depois, novamente o mesmo portal afirmou que “Muralha volta a falhar em partida no Japão. Ex-Fla, goleiro não vive grande fase nos gramados”.⁸⁵ Mas seus bons momentos também são mencionados. Em sua página na internet o jornal *Extra* anunciou a boa fase de Muralha – que não foi assim denominado –, no Japão: “Invicto há nove jogos, goleiro Alex Roberto vira sucesso entre as crianças no Japão”.⁸⁶ No final desse mesmo ano, o Albirex Niigata decidiu pela não renovação do contrato de Muralha que voltou ao Flamengo. Em março de 2019, o atleta foi emprestado ao Coritiba.

Nesse tempo em que o goleiro permaneceu no Flamengo apenas treinando, a única notícia veiculada pelo *Extra*, referente a Muralha, dizia respeito à decisão da Vara Cível de Justiça do Rio de Janeiro que julgou como improcedente a ação movida pelo goleiro contra o jornal, na época da publicação do já mencionado

⁸¹ Muralha já havia jogado no Japão em 2013, no clube japonês Shonan Bellmare.

⁸² *Extra*, 06/02/2018.

⁸³ *Extra*, 06/02/2018.

⁸⁴ Disponível em: <https://glo.bo/3fMegqS>.

⁸⁵ Disponível em: <https://glo.bo/2DU3DVH>.

⁸⁶ *Extra*, 31/10/2018. Disponível em: <https://glo.bo/2PF3tV9>.

editorial. A decisão do juiz João Marcos de Castello Branco Fantinato foi transcrita pelo periódico, sendo válido destacar alguns trechos:

Havendo circunstâncias que impediam o triunfo, a empresa ré se valeu de manchetes de jornal, com expressões de impacto para apimentar a disputa entre os jogadores, torcedores e clube – algo corriqueiro neste ramo – não evidenciando atentado à honra e Imagem do requerente (...) o goleiro enfrentava momento delicado na carreira profissional. Nesse caso, a essência do material não diferia da realidade (...) Com efeito, embora tenha havido a veiculação de informações negativas, não restou comprovado o livre exercício da liberdade de imprensa.⁸⁷

Não é intenção deste trabalho avaliar se a decisão foi correta ou não, pois para isso seria necessário maior conhecimento jurídico para argumentar. O que se pode destacar é o fato de o documento imputar à mídia esportiva o reconhecido papel “de apimentar a disputa entre os jogadores, torcedores e clube”. É interessante perceber que se evidencia nessas palavras o fato de que o *Extra* fez mais do que informar, ao fazer uso de artifícios discursivos para produzir efeitos sobre quem recebe a mensagem. Esse aspecto dá mostras da contiguidade entre as narrativas da mídia esportiva e o entretenimento, e essa proximidade é aquela pimenta a qual a decisão judicial faz referência. Os limites desses usos ainda precisam ser pensados, pois frequentemente os excessos provocados pelos recursos folhetinescos na construção da notícia coloca em risco o próprio jornalismo esportivo ao promover a banalização da notícia e o descaso com as técnicas de apuração jornalística.⁸⁸

A arquitetura do vilão Muralha mostrou, nas páginas do *Extra*, que no processo de construção de uma figura vilânica – ou mesmo heroica – o mais importante não são os fatos em si, mas os efeitos narrativos que deles serão derivadas e que podem obedecer a interesses diversos. Um deles é o fortalecimento de laços de proximidade com o público leitor, tentativa que é uma das importantes características do jornal em questão.⁸⁹ Nesse sentido, vale se lembrar dos bonecos criados pelo *Extra*, João Buracão, Zé Lixão e Zé Lador,

⁸⁷ *Extra*, 08/02/2019, p.8.

⁸⁸ OSELAME. Padrão Globo de jornalismo esportivo.

⁸⁹ Cabe ressaltar que o jornal *Extra* possui uma inclinação editorial que poderíamos chamar de popular. Nesse caso, há de se considerar que os recursos melodramáticos usados podem ser mais explícitos do que em jornais tradicionais. Sobre jornalismo popular ver: AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo Popular*, 2006.

personagens que tinham o objetivo de personificar a revolta popular contra os problemas da cidade, colocando, desse modo, o jornal no papel de guardião do povo.⁹⁰ No caso do ex-goleiro do Flamengo, o jornal usou uma tática discursiva fundamentada no poder de nomeação, ao optar por não mais chamá-lo de Muralha enquanto ele “não fizer por merecer”.⁹¹ O editorial adotou um ponto de vista revoltado se revestindo do papel de defensor da torcida – especialmente da rubro-negra –, fazendo parecer que o jornal estava cumprindo o papel de denunciador do absurdo que era a continuidade de Muralha como titular do time, assim como da possível presença do goleiro na final da Copa do Brasil.

A trajetória do goleiro que no final de 2016 chegou a ser convocado pela seleção, mas que em cerca de um ano tornou-se um jogador indesejado, fornece por si só uma ótima história. Uma história que conseguiu alto grau de verossimilhança, pois Muralha cometeu algumas importantes falhas na sua função de goleiro. Isso significa que qualquer narrativa – mesmo a ficcional – não é capaz de criar a partir de uma tábula rasa. Seu conteúdo é produzido em diálogo com realidades e imaginários possíveis. Entretanto, com isso não se quer dizer que devemos presumir que estejamos diante de uma narrativa “cuja essência do material não diferia da realidade” como foi mencionado no parecer jurídico acima mostrado. Ocorre o contrário, estamos frente a discursos que se erguem a partir de uma perspectiva enviesada do jornalismo esportivo.

O fato de ser goleiro tornou mais fácil que se erguesse um personagem que carregou sozinho a responsabilidade das não-conquistas do Flamengo em 2017. No caso de Muralha, as más atuações em campo deram sustentáculo para o jornal *Extra* torná-lo protagonista de muitas de suas matérias, ajudando, assim, a construir um vilão narrativamente convincente. Até mesmo seu apelido mostrou-se fundamental, viabilizando trocadilhos, ironias, chegando a ser considerado como pouco condizente a um goleiro que falhava constantemente, segundo o referido jornal. É interessante perguntarmos em que medida a frequente e enfática desqualificação do goleiro contribuiu para sua não-escalação no primeiro jogo da

⁹⁰ NUNES. Boneco cidadão.

⁹¹ *Extra*, 01/09/2014.

Copa do Brasil.⁹² É interessante, também, perguntarmos em que medida as representações negativas em torno de Muralha contribuíram para que ele não tivesse conseguido seu momento de redenção, no Flamengo, devido à falta de oportunidade e a atmosfera de desconfiança e zombaria extrema que passou a cercar seu cotidiano.

Se na ficção e outras produções, os vilões estão se complexificando e, muitas vezes, ganhando a predileção do público como ocorre em recentes produções da teledramaturgia brasileira, o mesmo não podemos dizer em relação as narrativas da mídia esportiva. Na arquitetura dos vilões do futebol, segue-se o modelo vilânico tradicional, construído a partir de um simples olhar judicativo e, no caso da mídia esportiva, da tentativa de transcendência da notícia na direção do espetáculo e do entretenimento. Mas são justamente essas questões que tornam os vilões personagens tão interessantes para pensarmos o papel daqueles que se consideram – e são considerados – porta-vozes dos discursos autorizados sobre o esporte mais popular do país.

* * *

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Marialva; ENNE, Ana Lúcia. O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional. **ECO-PÓS**, v. 8, n. 2, p. 67-87, ago.-dez., 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Seguido de a influência do jornalismo e Os jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BROMBERT, Víctor H. **Em louvor de anti-heróis**: figuras e temas da moderna literatura europeia. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- BROOKS, Peter. **The melodramatic imagination**. Yale University Press, 1995.
- COSTA, Leda. **A trajetória da queda**: as narrativas da derrota e os principais vilões da Seleção Brasileira em Copas do Mundo. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- COSTA, Leda. Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa. **Tríade**: comunicação, cultura e mídia. Sorocaba/SP, v. 4, n. 7, p. 126-149, jun. 2016.

⁹² Faz-se referência a Copa do Brasil de 2017 entre Flamengo e Cruzeiro. O primeiro jogo entre os dois clubes foi no Maracanã dia 07/09/2017 e o segundo, no Mineirão dia 27/09/2017.

- DAMO, Arlei Sander. Paixão partilhada e participativa – o caso do futebol. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 57, p. 45-72, jul.-dez., 2012.
- DEJAVITE, Fábila. **Infotainment**: informação + entretenimento no jornalismo. São Paulo: Paulinas Editora, 2006.
- ECO, Umberto. A falação esportiva. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- FILHO, João Lyra. **Taça do Mundo 1954**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1954.
- FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- GIRARD, René. **O bode expiatório**. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.
- GUILHERME, Paulo. **Goleiros**: heróis e anti-heróis da camisa 1. São Paulo: Alameda, 2006.
- HAMBURGUER, Esther. Novela é torcida. **Ciência Hoje**. Disponível em: <https://bit.ly/3gMqcdA>.
- HELAL, Ronaldo. Cultura e idolatria: ilusão, consumo e fantasia. In: ROCHA, Everardo (org.). **Cultura e imaginário**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- HELAL, Ronaldo. Mídia, construção da derrota e mito do herói. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HELAL, Ronaldo. Mídia, ídolos e heróis do futebol. **Comunicação, movimento e mídia na educação física**, Santa Maria, Rio Grande do Sul, v. 2, p. 32-52, 1999.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Ed. comemorativa 70 anos. Ricardo Benzaquen de Araújo; Lília Moritz Schwarcz (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HUPPES, Ivete. **Melodrama**: O gênero e sua permanência. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.
- LEWIS, S. C. **Studies in Words**. Cambridge University Press, 1960.
- LUDWIG, Paula Fernanda. **Como se cria um vilão?** Rumores e intrigas entre teatro e literatura do melodrama à dramaturgia brasileira no século XIX. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.
- MEYER, Marlyse. **Folhetim, uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- NETO, Geneton Moraes. **Dossiê 50**: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NUNES, Angelina Silva. Boneco cidadão: a arma do jornal popular carioca Extra. **Alcar**, 10 Encontro Nacional de História da Mídia. UFRGS, 2015.
- OSELAME, Mariana. Padrão Globo de jornalismo esportivo. **Famecos**, PUC-RS, Porto Alegre, n. 24, 2010.
- PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. Porto Alegre: L & PM, 1986.
- RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras**: novas crônicas de futebol. Organização de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- THOMASSEAU, Jean-Marie. **O melodrama**. Trad. Cláudia Braga e Jacqueline Penjon. São Paulo: Perspectiva, 2005.

* * *

Recebido para publicação em: 28 out. 2019.
Aprovado em: 08 jun. 2020.